

AUTORES LIVROS

Ano III
16/5/1943

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 10
Núm. 16

NOTÍCIA SOBRE ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Antonio Castello de Alcântara Machado, de Oliveira nasceu em S. Paulo, à rua Barão de Capanema, n.º 21 (hoje 223), em 24 de maio de 1901. Era filho do Sr. de Alcântara Machado, escritor ilustre, alta figura do pensamento superior de S. Paulo, e de Maria Emilia de Castello Machado. Pelo lado paterno — paulista de quatrocentos anos — era neto de Brásílio Machado e bisneto do brigadeiro J. J. Machado de Oliveira.

Apagadas as letras fôleas Antonio de Alcântara Machado no Colégio Stafford, e depois cursou no Ginásio de S. Bento. Matriculando-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde seu pai era professor, obtinha em 1923 o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Desde o tempo de estudante, sua atuação no jornalismo foi intensa. Redator e crítico teatral do "Jornal do Comércio" da quarta cidade, chegou ali ao cargo de diretor. Teve grande atuação no movimento modernista paulista, tendo sido diretor

de revistas que exerceram marcado papel nessa renovação, como a Terra Roxa e outras Terras, a Revista de Antropofagia, e a Revista Nova.

Em 1927, era colaborador dos Diários Associados, chegando em 1934 a diretor de um deles — o Diário da Noite desta capital.

Foi também diretor da Empresa Editora a Vida dos Municípios, que em 1932 e 1933 publicou jornais em Itapetininga, Sorocaba, S. Carlos, Bauré e Botucatu.

Pertenceu a algumas associações culturais como em S. Paulo, o Instituto da Ordem dos Advogados e no Rio a Sociedade Capistrano de Abreu. Desta última recebeu em 1928 um expressivo prêmio pela sua monografia Anchieta na Capitania de S. Vicente.

Na revolução constitucionalista de S. Paulo, em 1932, teve destacada atuação mental. Ao organizar-se a Constituinte, foi convidado pelos representantes paulistas para vir para o Rio, como secretário da bancada de

sua terra, convite que aceitou, fixando residência num apartamento de Copacabana. Mais tarde foi-lhe oferecida uma cadeira na Câmara dos Deputados, tendo sido eleito para essa casa do congresso.

Levado pela sua insatisfeita curiosidade, Antonio de Alcântara Machado peregrinou grande parte da Europa, deixando-nos de suas viagens páginas deliciosas, nesse delicioso livro que é *Pathé Baby* e em muitos capítulos de *Cavaquinho e Saxofone*, reunião póstuma de páginas que ele não quisera guardar em volume.

Em 1935, integrando uma comitiva de escritores da qual faziam parte Agripino Grieco, Renato de Almeida e Mucio Leão, esteve em visita à República Argentina e ao Uruguai.

Faleceu em 14 de abril de 1935, na casa de Saúde de S. Sebastião nesta cidade, em consequência de uma operação de apendicite. Seu corpo foi transportado para S. Paulo, onde se encontra sepultado.

Duas cartas a Manuel Bandeira

S. Paulo, 21 de julho de 1931.

Tenho recebido notícias suas — Manuel amigo — pela Anita Machado, cartas ao Mario (Manoel me escreveu, está passando bem, etc.) e outras condutas indolentes. O que é pouco.

A verdade que quando lhe escrevo é sempre para pedir um favor. De maneira que o silêncio epistolar entre nós é sempre uma garantia de sossego para

ambos.

Quero dizer que esta carta é o fundo mais uma importunação. Porém eu não tenho o endereço de Murilo Mendes (que segundo me consta já se foi para lá de novo) e sou obrigado a dar a você mais a maçada de lhe transmitir um recado. O Dominique Braga (redator-chefe da "Europe") escreveu-me pedindo que me entendesse com o Murilo a fim de obter d'este a necessária autorização para ser traduzido e publicado na minha revista o poema que saiu no n.º 2 da nossa. De forma que eu lhe peço o favor de comunicar ao Murilo tão grata notícia e de transmitir-lhe, mesmo que seja a boca (a modestia invencível dos literatos), um cartão a mim dirigido com a licença solicitada pelo Dominique.

Sobre o seu poema tenho a honra de Magalhães de Azeredo em carta a meu Pai, na qual aquele saudoso escritor da segunda metade do século 19 afirma que um poeta tão admirável tenha aderido ao primitivismo negro, implantado por Mario de Andrade, esse robusto talento infelizmente preocupado e estragado por essa bobaiceira que se chama modernismo, etc., etc.

A Revista Nova agradece ao Cléo Dias os 183000 enviados. Acaba de entrar no escritório um sujeito com bandeirinha brasileira na lapela e que trata o assunto sobre a situação política de S. Paulo. Pelo olhar percebeu que está louco para me

contar a novidade. Antes que estoure vou ouvi-lo.

Purtanto, licença e grande abraço do seu ALCANTARA.

Já sou a novidade. Não presta. E isto a máquina para lhe dizer que o Paulo anda muito empenhado em publicar um poema seu estupendíssimo (sobre a existência dele) em que entra estrela. Apesar da informação que lhe dei sobre a sua intenção de não publicar a coisa que é de fato linda, me pediu que lhe escrevesse a respeito. Quase que já esquecendo o pedido. Tome nota dele e resolva como for de justiça.

S. Paulo, 13 de agosto de 1931.

Muito obrigado pela sua carta — Bandeira — que foi convenientemente gozada. Deliciosa. A firma que haja emitido opiniões depreciativas sobre sua plástica abdominal. Via uma nêgasinha que lhe parecia magra. Só isso. A boa conformação não foi posta em dúvida.

Li um artigo seu para o "Diário Nacional" intitulado "Leituras". Graças ao Mario que me trouxe recordado com grandes brados de admiração. Gostei imenso. Sobre tudo porque (besantificado por Anchieta que não entendi. Ou melhor: entendi surpreso com a súbita mudança de Moscou para Santa Tereza, uma embriagada lírica dos diábolos. Imagino a confusão que você estabeleceu na cabeça dos leitores democráticos. Mas (como disse) estou passando por um período de butice integral. Guardo o artigo para ler depois que terminar as minhas notas anchietaianas para a Academia. O que espero seja o mais breve possível, pois desejo ardentemente readquirir o meu "formoso talento", como já escreveu "O Norte", órgão do P.R.P. de Taubaté.

Recebi também uma carta de H. P. P. escrita num papel lúbrico e que ele diz sugerido pelo Rodrigo. Que malhadada,

meu Deus. Tem duas linhas de títulos a fotografia de um prêmio de numerosos aviares, etc. etc. Procure conhecer e paze as orquídeas do nosso querido cocho mineiro.

Fique triste com a notícia da traição feita à Revista Nova. Mas o poema teve bom destino. E a biquinha insigne há de pagar outras para matar a nossa sede. O tal do saponeiro Araxá é admirável, na opinião do Mario. Guarde-o e outros bons que for produzindo a Castalia santa-terresina para um dos primeiros números de 1932, que serão mentais.

Dito o que, passo à maçada do costume. Lito é sugiro uma mente. Sua pachorra livremente decidida. Trata-se de uma crítica sobre o livro de contos, "Oscarina", do Marques Rebelo. O Mario já escreveu uma no "Diário Nacional" e não tem jeito de elaborar outra. E este seu criado também não, em virtude do já descrito estado de burrice absoluta. Tão absoluta que não me permitiu descobrir as celebradas qualidades do livro. Achou-e bom e não extraordinário. Como querem. Que é que você diz? Uma crítica ligeira, feita com aquela suavidade (inclusive na peripetia) da segunda fase da Revista do Brasil. Responda se aceita ou não, porque até o dia 25 no máximo devo entregar os originais às oficinas. E responda para o endereço acima que é o melhor.

A carta que lhe escrevi para Teresópolis me devolveram há dias.

Anda aqui armado um plano de viagem ao Rio para o fim do mês: Mario, Anita e a firma. Esta e aquela para gozarem o passeio do Salão modernista deste ano, cujo juri vou presidir. Cedi um quadro do DI, adquirindo com o suor da minha pena, para ser exposto. Você dirá se o resultado do suor foi bem empregado.

Grande abraço grato do seu ALCANTARA.

JERONYMO
RIBEIRO



ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

SUMÁRIO

- PÁGINA 241:
- Notícia sobre Antônio de Alcântara Machado.
 - Duas cartas de Antônio de Alcântara Machado a Manuel Bandeira.
- PÁGINAS 242 e 243:
- O *Nortista*, comédia em um ato, inédita, de Antônio de Alcântara Machado.
 - O comandante do submarino, de Assis Chateaubriand.
- PÁGINA 244:
- O escritor Antônio de Alcântara Machado (trecho de estudo), de José Lins do Rego.
 - Dois estudos sobre Antônio de Alcântara Machado, de João Ribeiro:
 - I — *Bras, Beriga e Barra Funda*.
 - II — *Laranja da China*.
- PÁGINA 245:
- Um apágina característica de Antônio de Alcântara Machado.
 - *Cavaquinho*, conto de Antônio de Alcântara Machado.
 - Bibliografia de Antônio de Alcântara Machado.
 - As fontes deste suplemento.
- PÁGINA 246:
- Correspondência de escritores. Carta de Antônio de Alcântara Machado a Alceu Amoroso Lima (fac-símile de autógrafo).
 - O coração de Antônio de Alcântara Machado. (Trecho de estudo), de Leopoldo Alares.
 - Um romancista do Sul, (trecho de estudo) de Jaime de Barros.
- PÁGINA 247:
- *Cavaquinho e Saxofone*, de Sérgio Barqure de Holanda.
 - *Gentildade Brasileira*, de Antônio de Alcântara Machado.
 - *Maria Maria*, de Oscar Mendes.
 - Duas ilustrações de Patm para o "Pathé-Baby", de An-
- tônio de Alcântara Machado.
- PÁGINA 248:
- Correspondência de escritores. — Carta de Antônio de Alcântara Machado a Manuel Bandeira, (fac-símile de autógrafo).
 - A eloquência e o brasileiro, de Antônio de Alcântara Machado.
- PÁGINA 249:
- Um dos contos mais famosos de Antônio de Alcântara Machado — *Carmela*.
 - *Ruas de S. Paulo*, de Antônio de Alcântara Machado.
 - Antônio de Alcântara Machado na opinião de Agripino Grieco.
- PÁGINAS 250 e 251:
- Antônio de Alcântara Machado, de Mucio Leão.
 - O túmulo na neblina, (trecho de estudo), de Mario de Andrade.
- PÁGINA 252:
- *Sets inocentes anedotas sobre o fascismo*, de Antônio de Alcântara Machado.
 - *Maria Maria*, de Tasso da Silveira.
- PÁGINAS 253, 254, 255 e 256:
- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. 1ª série — Antologia da Prosa. VII — Afonso Arinos de Melo Franco.
 - Afonso Arinos de Melo Franco (nota biográfica, com um traço por Armando Pacheco).
 - Algumas fontes sobre Afonso Arinos de Melo Franco.
 - Bibliografia de Afonso Arinos de Melo Franco.
 - Língua nacional. Língua regional.
 - Um ribombo de epopéia.
 - Sentimento poético.
 - Influência social a popular do tipo do índio brasileiro nos séculos XVI e XVII.
 - Apego à terra natal.
 - Mosqueira, o comedor.
 - Sobre Peguê.
 - Trecho da Eneida de Ronssean (fac-símile de autógrafo).

Comédia em 1 ato, inédita, de Antonio de Alcântara Machado

QUARTO QUADRO

Em uma praia e o mar e a platéia. Hércules e Jandira sentados num banco bem no meio do gramado.

HERCULES — Chegou há três meses sem um abraço ao meu lugarinho no ministério, meu amor. Na imprensa, dois alunos de francês e um de alemão vêm dominando o jogo a escrita para o governo do Marquês.

JANDIRA — Você é cabra de sorte, Hércules. — Sorte e muita alguma coisa.

HERCULES — Telenio quem sabe? **JANDIRA** — Pulveru de honra, Jandira. Eu sei que aquela padre da revolução francesa, Da... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Eu é que sei? Não tem importância.

HERCULES — Daqui há pouco eu me lembro. Eu lembro o padre... o senhor parece que era da revolução... que achava que tinha feito não queria ser fugido a si mesmo mas quando se com-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — E' indúzia?

HERCULES — Como indúzia?

JANDIRA — Nada. Pensei...

Silêncio.

HERCULES — Quando vejo o mar me lembro sempre da minha terra. O oceano Atlântico. Penso em um e um colono.

JANDIRA — Quanta bobagem... (Enlaçando o pescoço de Hércules). Meu bem: você ainda não parou de pensar...

HERCULES — Não tem futuro.

JANDIRA — Não tem futuro viver com a ma-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — A felicidade se encontra no... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — A gente casa...

HERCULES — Você está louca! Eu vou casar... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Não se fala mais nisso... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Tire uma... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Muito obrigado.

JANDIRA — Tire. E' hora de três mil reis e... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Você, Jandira, com cento e vinte mil... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — E sapato de cinquenta mil reis!

HERCULES — E sapato de cinquenta mil reis!

JANDIRA — Não tem mesmo cabeça. Eu não fingo, não jogo.

não bebo, não chupo bala, não a pé e comers sapato de vinte oito mil reis.

JANDIRA — Que é que adianta, meu amor?

HERCULES — Que é que adianta? Você pergunta que é que adianta? Eu digo que é que adianta.

JANDIRA — Quanta bobagem.

Silêncio. Jandira brinca com as mãos de Hércules.

JANDIRA — Há tempos eu conheci um Hércules.

HERCULES — Guarde para você suas recordações.

JANDIRA — Trabalhava num circo, levantava cada peso...

HERCULES — Você tem cada uma... Dê um beijo.

JANDIRA (dopo de beijo) — Você vai morar comigo no traço? Você deixa o jornal, deixa o Man-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Era Hércules mas tinha nome alemão...

JANDIRA — Você não gosta de mim?

HERCULES — Duzentos e cinquenta mil reis... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Faça o conto: Duzentos e cinquenta mil reis... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Que cento e oitenta?

JANDIRA — Do meu monteio, bensiñão.

HERCULES — O quê? Você me acha com cara de aceitar dinheiro de mulher? Você me ofende!

JANDIRA — Mas não é aceitar, meu amor... meu amor... meu amor... faça o que o seu bem está pedindo.

HERCULES — Mulher não entende certas coisas.

JANDIRA — E daí? Eu não conto nada? Meu futuro não conta nada? Eu nasci para vencer... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Compreendeu? — para exercer um papel na vida! Quem sabe mesmo na vida nacional!

JANDIRA (rindo) — Quer dizer que eu não ho-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Ama. Isto é: ama.

JANDIRA — Está bom.

Silêncio.

HERCULES — E não me esperar mais na porta do jornal que me demorei...

Silêncio.

HERCULES — E hoje estou muito cansado. Levo você até sua casa e depois vou dormir.

JANDIRA — Você não vai fazer isso para mim.

HERCULES — Isso é desprezo. Eu não mereço isso. Se-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Não tem mesmo cabeça. Eu não fingo, não jogo.

HERCULES — São três horas passadas. Jandira.

JANDIRA — Recite para mim.

HERCULES — Você gosta de fato ou é só para me agradar? Fique sabendo que é um soneto muito bom e muito bem feito. Tem inspiração, tem...

JANDIRA — Recite para mim.

HERCULES — Mas não interrompa. Bom.

A minha bela no dia do seu aniversário.

JANDIRA — Recite abraçado comigo. Bem apertado.

HERCULES — Quando te vi, Jandira, a vez primeira

Qual rosa rubra num jardim de...

Checam dois homens armados de carabina.

O HOMEM ALTO — O senhor não viu um su-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Sujeito suspeito?

O HOMEM BAIXO — Não sei que eu sou suspeito e ele é jardineiro do 25. E o patrão diz que um su-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — O sujeito estava forçando a porta. O patrão abriu a janela, o sujeito pulou a grade e correu deste lado.

O HOMEM ALTO — O senhor está danado!

HERCULES — Senador? Que senador?

O HOMEM BAIXO — Senador Costa Vaz, patrão

nosso.

HERCULES — O senador Costa Vaz mora no 33?

O HOMEM ALTO — É aquele que está lá na caqui.

HERCULES — Vamos até lá. Eu acho que vi um

sujeito muito suspeito passar por aqui há pouqui-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

JANDIRA — Eu não vi ninguém...

HERCULES — Quem sabe se o senador dizendo

como era o tipo eu descobri. Vamos até lá.

O HOMEM BAIXO — O senador não viu a casa.

HERCULES — Mas é sempre bom perguntar, não é? Eu trabalho na imprensa. Conheço muita gente

na polícia. Estou sempre lá. Quem sabe se é um

ladroão conhecido. Basta uma indicaçãozinha para eu

me orientar. Vai sendo com os homens.

JANDIRA — Eu juro, meu bem, que aqui não

passou ninguém. E que você não faz? Eu vou

com você.

Hércules emperra os homens. E se volta.

HERCULES — Idiota! Vá embora! Amanhã vou

per você!

JANDIRA — Você não faz isso para mim, Hér-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

HERCULES — Eu juro que não vi ninguém passar por aqui!

HERCULES (saindo) — Eu sei, eu sei que você

não viu ninguém! Você nunca se nada! Você não

carrega um palmo diante da nariz! (corre).

FIM DO QUARTO QUADRO E DO PRIMEIRO ATO

O COMANDANTE DO SUBMARINO

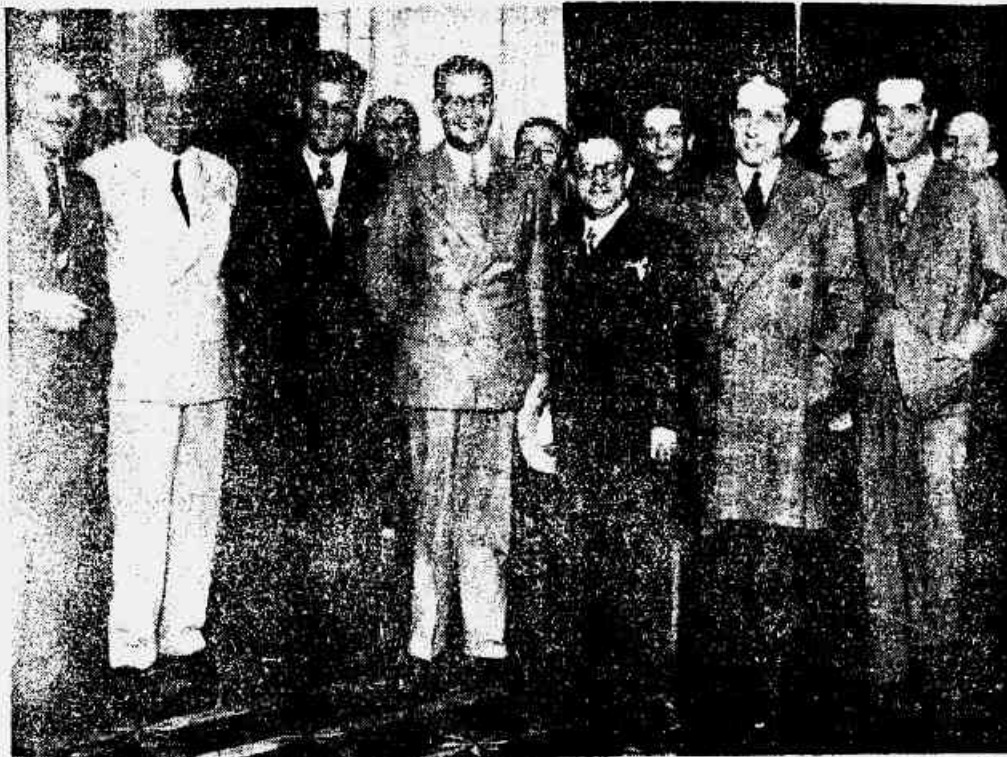
Assis Chateaubriand

É o artista que era o Antonio! De todos nós, era ele o escritor nato, e o único que escreveu uma obra brasileira, escrita em brasileiro, e irreverentemente anticlassicista, lusitana, com a terminologia das suas terras: a ruína e a cabocla, e o linco de todos os nomes íntimos do mal.

De "Braz Beirão" ou de "Linha e da China" se poderia dizer o que Walt Whitman disse de Thomas Hardy: "quem tem neste livro, dele um homem". A humanidade, a sensibilidade, a inocência, e picada, a obra religiosa de Antonio diante dos sinos, humildes, dos humanos, rotam através das páginas destes trabalhos. Qualquer um desses livros é profundamente poético, mas ao mesmo tempo profundamente humano. Leria nos seus poemas, com o serido do universal.

Na sua estilo, e natário, a formação, o fato, o "a pedida" mas dentro uma criação de ordem intelectual muito diferente do comum dos jornalistas. Tudo o escrito tratado no jornal era natário prima para a obra de arte que compunha. Todos os dias, no seu quadro de arte, ele interpretava a política, os acontecimentos que ela gerava, como temas para a sua criação artística, como fontes inco-... (uma francesa ou da Inglaterra?)

Em Memória de Antonio de Alcântara Machado.



Em 1927, Antonio de Alcântara Machado esteve em visita a Buenos Aires, a convite do jornal "Crítica". Integram a comitiva de que fez parte os sr. Agripino Grieco, Renato de Almeida e Mucio Lado. Na foto acima — tirada no dia da chegada a Buenos Aires, ainda a bordo do "Compania", navio que os levava — vem-se, além dos escritores brasileiros, o sr. Orlando Letia Ribeiro, na ocasião nosso representante consular na Argentina, e vários jornalistas argentinos que tinham ido levar os seus votos de boas vindas aos confrades brasileiros.

O ESCRITOR ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO
(Trecho de estudo)
Juné Lima do Rego

DOIS ESTUDOS SOBRE ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO -- João Ribeiro

O tal movimento modernista de São Paulo já pode muito bem ser estudado sem paizão, uma vez que o tempo correu os entusiasmos e as preferências. É verdade que com as torrentes que ele desencadeou deixou muita poeira para as nádeas.

Quebraram as chaves de ouro dos sonetos, mas não foi só uma rebelião exterior, o que os rapazes paulistas tentavam com tanto sucesso. Eles tinham quando e com de íntimo para dizer nos versos e na prosa daquele tempo. E a gente tem que confessar que havia ao par a "língua" um interesse humano na forma de criação deles. Por isso que procurasse a edição Mário de Andrade era um poeta de alma, com a vibração lírica que o interesse sério dá para o seu trabalho. O outro Andrade, foi uma espécie de comitê desta guerra, mas um comitê a quem só interessava o cadáver do adversário para tripudiar sobre o pobre. Nessa revista gente com ferocidade. Aliás, este posto pelo assassinio não se esqueceu com a idade. Como os bandidos prefatórios, o poeta do "pau-brasil" mata dos cérebros de outros para o deleite de seus tons de letrado. A literatura não muda dele é sempre um instrumento de suplicio, para os seus inimigos. Mas isto já deve estar cantando o consagrado escritor de "Exercício de abstração" dentro em literatura não deixa de ser um ofício cruel. Por isso a sua contribuição na criação de S. Paulo quase que não interessa hoje. O poeta brasileiro de mais de doze anos de idade, e a obra de "Linha" e "Barragem" pela "língua". O que não se pode negar é que ninguém, na obra de luta, foi mais forte do que ele, fazendo o que ninguém podia fazer. Foi assim, aliás, na derrota, mas pouco plantou de grande. E no entanto como ele pouco com a capacidade de fazer coisas definitivas.

Agora, um estudo de Alcantara Machado, foi diferente. Mais novo que os de Andrade. Alcantara foi o mais brasileiro, o mais direto na formação de sua obra. Enquanto Mário estava criando "língua", Alcantara, embora para a vida, queria ver, sentir como homem. Por isso os seus contos são mais libertação da vontade de brilhar, do imediato. Com Oswald de Andrade ele criou o movimento antitético chamado o da Antropofagia. Foram por esse tempo terminais concordes de carne branca. E muito bispo Saraceni foi derrotado em moqueta pela fome canibalística dos dias. O programa da "Revista de Antropofagia" teria muita coisa que os diretores da "Aliança Libertadora" poderiam utilizar, com inteligência. No fundo era o imperialismo o que Alcantara, Oswald e Bopp viam combater.

É desse tempo o "Laranja da China" de Alcantara, livro de contos em uma língua deliciosa. A farsa de vida dos pobres homens que o escritor captou em suas fontes é tanta que lateja a vida. Mas é que nos espanta neste livro é o acerto de sua linguagem. O escritor passou "Macanudo" neste ponto. A língua de "Macanudo" é um fabuloso apunhado de modismo que chega a dar um dicionário. Mas às vezes a erudição emborça o grande escritor. O entusiasmo poético, a espontaneidade se perdem. Mário de Andrade subjugou a porta que ele é. E a língua se resseca, perde o cheiro e o gosto de terra molhada.

A língua de Alcantara é livre, nem de dentro dos seus personagens, se articula com a pureza necessária. Dele podia ter vindo o grande romancista de São Paulo.

"BRAS, BEXIGA E BARRAFUNDA"
É realmente um excepcional escritor esse que nos dá, à maneira dos antigos cronistas, um tratado do Brasil, mas do Brasil novo e diferencial que se processa nas terras paulistas. Da violência e caótica cidade escolheu os baixos bilíngues



Fugitiva de ruído de "Pathé-Baby", o livro de crônicas de viagens de Antonio de Alcantara Machado

alpendros do povo gris incerto e indeciso, antes do ponto, da queda umbilical do caldeamento.

Na minha tarefa de crítico, no baixo nível que se chama a recensão ou o registro da literatura corrente, sem argúcias psicológicas e sem intenção de expor as correntes doutrinárias e estéticas do nosso tempo, sempre me fascinou a ousadia dos homens novos que tentaram e tentam ainda a diferenciação dos nossos métodos de sentir, de pensar e de escrever.

Para mim, a regeneração só se faria a preço da absoluta renúncia dos modelos europeus no horror à imitação das formulações e das escolas ultramarinhas, portuguesas, outeiras e de nossa, tornando como re esquecer por muito tempo e criminalmente as fontes legítimas da inspiração nacional.

O livro de Alcantara Machado é um grande exemplo da literatura nova que entrevejo triunfante, pelo menos na fase atual das nossas letras.

Que fez Alcantara Machado? Buscou e achou um veio aurífero na sedimentação progressiva e intensa da nacionalidade.

Não quis travar o conhecimento do católico ou do sertanejo, nem do índio problemático e absurdo. Não foi e não era preciso ir longe.

A porta da casa, descobriu o seu tesouro tão ignorado da gente ignata que passava.

Vivendo numa cidade moderna, trêmula e estuante de vibrações contínuas de recomposição, descobriu a gente nova que invocava, semente de futuros grandes e lições.

Em São Paulo, que é o seu campo experimental, encontrou a ramada nova ainda um pouco erupção e vilíssima que começa, após uma geração, a sedimentar-se.

É a camada italo-brasileira, que repete na América a conquista romana um pouco civilizada, sem aquela preocupação eloquência do inglês na injusta frase do seu inimigo James Joyce no admirável Ulysses.

O italiano trabalha, acredita no seu mito da cidade eterna, e traz à costas o seu Vestígio (veja o conto — Amor e sangue) e por vezes resuscita a Calábria, civilizada e maquinável.

"Parlo assim para facilitar. Não é para ofender. Primeiro, o doutor pense bem. E poi me dá sua resposta. Domani, dopo domani, na outra semana, quando quiser. Io resto à sua disposizione. Ma, pensa bem!"

Essa neo-porque sutil é própria da alma italiana de hoje, que distingue e distingue todas as coisas.

Uma-me uma vez Gênio da Cunha que na viagem italiana há o trem expresso, o rápido, o pou acelerado e o aceleratissimo, cada vez mais claro e talvez mais lento.

Estive algum tempo na Itália e que saudades tenho! Mas sua me impressionou que era matéria de riso havia o primo, o primo distinto e o primíssimo. A unidade italiana tão gloriosa, deve muito a essas intrigas aristocráticas, diplomáticas e militares.

O livro de Alcantara Machado dá esse feição novo, tenue do primeiro chute, delgado ainda, do italo-brasileiro.

Brás, Bexiga e Barra Funda é bem o livro que nos revela esse interessante mundo, transparente e etoplásmico que sai da alusão para a realidade.

No seu "artigo de fundo" vem a antiga alusão dos novos tempos:

Italiano grita
Brasileiro fala
Viva o Brasil
E a bandeira de Itália.

A rima está como o fígado advena em caminho de adaptação. Que dizer das histórias que compõem o livro? São todas magníficas, o Caetaninho que amassou o bonde, Carmela, a camorrista sutil e acomodaticia, o Tiro de guerra, ordem do dia paulista; chuva e sol o Amor e Sangue, que lembra um episódio das Malavoglia, a Sociedade, página pequena e grande, Livro de graça infantil, Corinthianos versus Palestra e um etc. Para resumir a enumeração, que seria fantástica por negar o valor do texto, que é de obrigação civil a toda gente ler.

O livro é dedicado aos italo-brasileiros que emigram da enda imigratória para lustrar a pátria nova.

E não é um livro apenas para goádo do leitor comum. Interesse ao historiador, ao etnógrafo, ao folclorista, que buscam definir os matizes do Brasil novo. E, na literatura, pelo documento indireto, é que se conhece com maior fidelidade a civilização interna, para dentro das fachadas, do império humano.

Brás, Bexiga, Barra Funda, marcará uma fase da novelística brasileira.

(Jornal do Brasil — 4-5-1947)

"LARANJA DA CHINA"

Antonio de Alcantara Machado é um dos maiores poetas da literatura contemporânea, na feição modernista que a caracteriza.

Não é um exatador diário que é um mestre sem embargo da sua florida juventude.

É realmente, um mestre na sua arte de observar e de dizer. Brás, Bexiga e Barra Funda desde logo empolgou a atenção dos que nele presentiam o sinal revelador de um espírito original, vigoroso, novo e bem constituído.

Laranja da China embora alguns traços mais novos, quero dizer, da gente luso-brasileira que dá ainda o tom da sociedade já formada e estratificada, ao passo que Brás, Bexiga e Barra Funda colhem a vida futura na sua química, em estado nascente.

Assim, pois, parece que Laranja da China seria menos original como concepção. Mas não é assim.

A originalidade própria do livro está na aguda observação quotidiana, nos pequenos fatos, minúsculas trivialidades e episódios do dia e da hora que passa.

1 — ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO — Laranja da China — S. Paulo, Editora Quatro Jovens.

O seu método experimental a que não escapa o mesmo traço psicológico e realmente fora do comum.

Vemos nesse livrinho a história do pequeno funcionário que de o tomar o bonde até o desembarque ao pé da repartição, hora apenas de vida com as tintas fiéis e escrupulosas do narrador admirável.

O Filósofo Platão é um estudinho de temperamento por dez breves páginas de humor.

A vida familiar (des platitudes do marido), o lado cômico das futilidades entre marido e mulher; e as filhas e as filhas — em alternativas de aborrecimentos e de alegrias — tratados a fundo (permittimo-nos dizer) nesse livro de modo e de desprezível.

Em muitas coisas, o sr. Antonio de Alcantara Machado, lembra-nos o Lima Barreto da Vida de Gonzaga ou do Paulo Quaresma.

Não temer, pois, nenhuma dificuldade em proclamar que Laranja da China, foi certamente enriquecida na melhor forma que dão os temas poéticos, tanto é nela doce o apelo e a casa dessa fruta.

Experimente o seu romance promético, para o leitor de inteligência, e a admiração parecer que é enriquecido o nosso conhecimento de crítica.

(Jornal do Brasil — 24-10-1928).



Antonio de Alcantara Machado em uma fotografia de sua infância, que se encontra no seu "Em Memória"

COMUNICACAO DE ESCRITORES

Carta de Antonio de Alcantara Machado a Manoel Bandeira

S. Paulo, 12 de agosto de 1943

Mme. Sr. Manoel Cavassane de Souza Bandeira,

filho

Santa Teusa

Prezado amigo e senhor,

Tenho em mãos a sua de 15 do corrente. É agradável a gentileza e pencha com que sabeis o pedido feito em carta anterior. A encomenda chegou em boa hora. As notícias da minha mãe são as que o prezado amigo pode deduzir da marca deste papel. Fez-se o rearranjo e o estabelecimento por motivo de doença na pessoa da sócia comanditaria. A partir de domingo, porém, voltamos a nossa atividade.

Quanto às observações de V. S. sobre o movimento do nosso presépio e o caso "Oscarina", cumpra-me informar que o prezado amigo labera um lamentável equívoco. Não se trata, como pareceu a V. S., de um ato de covardia, para não repetir aqui o termo de Paulo Nery com relação ao emprego do prezado amigo. Tendo o sr. Tristão de Athayde se referido no "O Jornal" aos produtos de nossa exclusiva fabricação, ao julgar o que acaba de ser lançado pela minha mãe, que Rebelto, sentimo-nos no dever de sobre isto não manifestar em público o nosso parecer de serenos O. V. Tristão de Athayde afirmou que, depois do Braz, Bealga e Barra Funda, a outros artigos de nossa fabricação, o mercado brasileiro não foi convenientemente servido com o denominado "Oscarina". Seria, portanto, conveniente a uma ética industrial não, de nossa parte, algumas restrições, embora ligeiras, ao uso indiscriminado. Poderia parecer de respeito de conveniente mencionado.

Dadas essas explicações necessárias, espero que a grata oportunidade para formular as mais sinceras e boas palavras de amizade pessoal e comercial do prezado amigo de V. S.

Com os melhores cumprimentos

por Alcantara & Cia.

de Antonio Castilho de Alcantara Machado d'Oliveira

"CAVAQUINHO E SAXOFONE"

(Continuação da pag. anterior)

Deixe então, sua atividade intelectual, às vezes distraída momentaneamente pelas viagens, pelo jornalismo, pela política, nunca sofreu pausa. Seus livros anteriormente publicados e agora este volume de quinientas e tantas páginas, abrangendo artigos que se destinavam inicialmente, à imprensa periódica, dão apenas um testemunho impreciso do que foi essa atividade.

A destreza com que ele sabia servir-se de sentenças breves e incisivas como de um instrumento sempre acessível e admiravelmente apto a manifestar-lhe os pensamentos, poderia incliná-lo a um verbalismo fácil. Mas o pudor das expansões excessivas, o senso do ridículo e do humor que tinha em alto grau, ajudaram-no a disciplinar-se e a disciplinar sua expressão. Detestava a eloquência ostentatória, a eloquência das palavras e das atitudes. Muitas das suas opiniões, inclusive de suas opiniões políticas explicam-se por esse fato. Sua aversão insistentemente ao fascismo italiano, por exemplo. Preferia a fórmula direta e expressiva a frase bem entalhada. Querria criar uma espécie de prosa pura, equivalente da poesia para que os críticos procuraram com afã: uma prosa livre da oratória e do lirismo. O tom e a escolha das frases deviam obedecer estritamente às circunstâncias do pensamento.

Muito pouco poesia, prosa pura: nesse se reconhecia para ele toda a história da literatura brasileira. Mesmo as soluções modernas, visando dar caráter a prosa pareciam-lhe incompletas e falhas. Na literatura brasileira de hoje — disse certa vez — a prosa se tem limitado a servir à poesia. Não se libertou desta, embora seja a mais forte. A própria solução de Mário de Andrade, procurando reduzir o mais possível a distância entre a linguagem falada e a linguagem escrita, se o interessou como experiência curiosa e significativa, nunca chegou verdadeiramente a seduzi-lo. E, por esse simples motivo: tal solução viria dar à prosa "um ritmo que desorienta..."

É certo que a poesia se vingava bravamente dessa recusa. Não chegou nada mais legitimamente poético em toda a nossa literatura de ficção do que algumas páginas de Braz, Bealga e Barra Funda. Não há dúvida de que com a prosa, mesmo com a "prosa pura" e possível fazer-se poesia. E aí estava, para ele, uma das suas vantagens. "Porque com poesia não se faz prosa".

Nesse despojamento ideal, nessa renúncia deliberada ao oratório e ao poético, não entrava nenhuma simplicidade forçada. Nem simplicidade for-

çada, nem eruditismo. Na linguagem popular, o que sobressaía de imediato, era o que ele conseguia obter de expressivo e intenso da pitorescamente expressivo. Sua curiosidade estendera-se diante da obra de um Juo Banastre e do "Lapsus do Teio" — que lhe terá sido a "Lira Paulistana" — não era ditada por nenhum interesse folclórico ou científico. Achava mesmo que a contaminação folclórica em literatura pode servir como elemento de desnaturalização, criando uma atmosfera poética.

A atração do pitoresco, mesmo do grotesco escabroso, aliás, muitas das inclinações de Antonio de Alcantara Machado. Esse homem, que gostava, como outros, cultura e civilização, mas dizia preferir a segunda à primeira, tinha, quase irado quando queria afirmar de um escritor, principalmente de um escritor brasileiro, que queria atingir a essência íntima, a "beleza secreta" das coisas. Achava que, sobretudo no Brasil, país de cores e de cores fortes, tudo o que aparente e ostensivo. Em uma das suas crônicas referindo-se a uma reunião em São Paulo da coisa exterior que dá ao conteúdo de si mesmo. A gente se reconcilia com a gente. Ganha a generosidade universal dos fortes e toma seus proleiros.

O mal está em procurar no espetáculo que oferece o mundo, apenas o demasiado visto e aprendido. Se as coisas desagradáveis aos olhos ou à imaginação, e que não aprendem a considerar as atentamente e que conheciam os padrões que a tradição legou. Assim, por exemplo, a forma íntima de um povo não é mais interessante do que a feição física. "Tanto quanto aquela, esta revela a sua humanidade e a sua personalidade". Também uma manifestação de sua inteligência. De seu espírito, se quisermos. É preciso lembrar o modo de ser de pensar de agir dele. Da sua ideia nítida, não só do que pensavam das coisas que mandavam, como também, profundamente, da imensa beleza humana. E, de acordo com esse ponto de vista, chegou a imaginar uma Antologia de poesias, coladas no parlamento na imprensa, no texto das leis e na retórica das ruas. Sonhou com uma Paulistana, a língua da América, de Menckel e nas revistas que dirigiu na Revista Nova, na Terra Nova, na Revista de Antropologia, procurou levar adiante esse projeto.

O interesse pelas formas não aparentes, pelos aspectos mais impressivos e mesmo autênticos, é nele elementar e essencial. Atitude do observador que precisa de alguma distância para melhor observar as coisas e que contempla o mundo com a inteligência alerta, não com uma "sensitividade" mística, latente, pelos seus contornos. Evidente o perfil do escritor que é possível tirar dele.

(Continua na pag. seguinte)

A ELOQUÊNCIA E O BRASILEIRO -- Antonio de Alcantara Machado

A eloquência marca Sloper que nos desgraça e com certeza resultado da preocupação de fazer literatura a nuque. Então não quase toda a gente pensa que literatura é arremessamento, ginástica verbal, ilusionismo imaginoso, hipérbole inflável. E devido a isso mesmo há no Brasil muitos cavalheiros que falam mais poucos que dizem. Falam até debaixo d'água. Não dizem coisa nenhuma.

De tal forma que hoje em dia o conceito de literatura é até pejorativo.

Além disso, pondo-a ao alívio de toda a gente, com o objetivo de estabelecer até um limpador de trilhos da Light.

Além disso, pondo-a ao alívio de toda a gente, com o objetivo de estabelecer até um limpador de trilhos da Light.

Letura ainda mais hilariante que a dos livros de Jacome K. Jerome. Nem se compara. Entre os nossos vintagoristas e parlamentares, principalmente, há uma campanha em matéria de retórica edição Quarta da gente ficar de boca aberta. Até entrar moesa. É verdade. Penso então para dizer bobagem com ênfase. Nunca vi. A ideia vem sempre vestida de cores escarlate, amarrada com lacetetes do penteado de negra, toda a ranjedinha para dar bem na vista.

Todos os discursos tem um trechinho imutável que eu não me canso de saborear. É quando o orador alude humildemente à miséria carente dos seus coitos oratórios.

En sei que estou sendo pedante. Então, Sr. Presidente, eu sei que estou sendo pedante. Então, Sr. Presidente, eu sei que estou sendo pedante.

(Cavaquinho e Saxofone)

Um dos contos mais famosos de Antonio de Alcântara Machado

— Já, já, horas e mais. Não me dá um minuto porque a máquina repete as horas de trabalho. Carmela sai da oficina. Barba tem ao seu lado.

— A sua Barba de Ilapetina... é um depósito sapatinado de automóveis gritadores. As coisas de modos ("Ao Chic Fartado", "São Paulo - Paris", "Elegante") despejam nas ruas as suas costureirinhas que vão e vêm, balançam os quadris como gansos.

— Já, já, ele está na esqui-

— Não está.

— Então está na praça da República. Aqui tem muita gente mesmo.

— Que fiteiro!

— O vestido de Carmela enlaidou o corpo e de repente veio. Pratos nus, colo nu, joelhos de lã, Sapatinhos verdes. Baixo de uma Morgue mandou para os lábios dos admiradores.

— Já que rico comprou! Não se enverga, seu calças! Porquê sem educação!

— Já a bela e espreita o resplendor quebrado que reflete a luz reluzente de carmin primário, depois o nariz chambrado, depois os flaps de solimão, por último as bolas de metal branco na ponta das pernas descobertas.

— Bianca por ser estrábica e feia é a sentinela da companhia.

— Olha o automóvel do outro dia.

— O carro docinho?

— É um carro muito bonito.

— O carro docinho para o Buick do pessoal na esquina da praça.

— Não passar.

— Não o obrigou.

— Já na portinela das pernas, lá em baixo, toda vermelha.

— Não vai pra trás, Bianca. Ena-olhe!

— Vou de Alameda de Azevedo para Funchal. Vou de Alameda de Azevedo para Funchal.

— O Anjo!

— De o Anjo!

— Já, já, horas e mais. Não me dá um minuto porque a máquina repete as horas de trabalho. Carmela sai da oficina. Barba tem ao seu lado.

— A sua Barba de Ilapetina... é um depósito sapatinado de automóveis gritadores. As coisas de modos ("Ao Chic Fartado", "São Paulo - Paris", "Elegante") despejam nas ruas as suas costureirinhas que vão e vêm, balançam os quadris como gansos.

— Já, já, ele está na esqui-

— E? Sei, Amanhã tem baile na sociedade.

— Que bonita novidade. Anjo! Tem todo domingo. Não segura no braço!

— Enjoada!

— Na rua do Arco, o Buick de novo. Passa. Repassa. Torna a passar.

— Quem é aquele cara?

— Como é que eu hei de saber?

— Você dá confiança para qualquer um. Nunca vi, paz! Não olha pra ele que eu acho já uma encrenca.

— Bianca tem as unhas. Vinte metros atrás. Os freios do Buick quinciam nas rodas e as pneu-máticas deslizaem sobre a calçada. E estacam.

— Boa tarde, heterozinha...

— Quem? Eu?

— Por que não? Você mesma.

— Bianca tem as unhas com apêndice.

— Diga uma coisa. Onde mora a sua companhia?

— Ao lado de minha casa.

— Onde é sua casa?

— Não é de sua conta.

— O rapaz docinho não se cansa. Nem se atrapalha. É um fraguado.

— Responda docinho. Não faça assim. Diga onde mora.

— Na rua Lopes de Oliveira. Nama vila. Vila Marquês no 4. Carmela mora com a família dela no 5.

— Ah! Chama-se Carmela...

— Lindo nome. Você é capaz de lhe dar um recado?

— Bianca tem as unhas.

— Diga a ela que eu a espero amanhã de noite, às oito horas, na rua... não... atrás da igreja de Santa Cecília. Mas que ela vá sozinha, hein? Sem ninguém. O barbeirinho também pode ficar em casa.

— Barbeirinho nada! Entre-gador da Casa Clark!

— É a mesma coisa. São se enche da reunião. Amanhã, às oito horas, atrás da igreja.

— Vou sozinho que pode vir junto com ela.

— Também o Anjo já havia apêndice.

— Ela falou com você. Pensa que eu não vi? O Anjo também viu. Fica danado.

— Que me importa? E com as unhas.

— Só com a Bianca...

— Não. Para quê? Venha você sozinha.

— Sem a Bianca não vou.

— Está bem. Não vale a pena brigar por isso. Você vem aqui na frente. A Bianca senta atrás.

— Mas entre minutos só. O senhor falou...

— Não precisa me chamar de senhor. Entrem depressa.

— Depressa o Buick sobe a rua Verdiana. Só para no Jardim América.

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

— E o Anjo, Bianca?

— O Anjo? O Anjo é outra coisa. É pra casar.

— Ahn!

— Bianca no domingo seguinte encontra Carmela no ponto de penugemzinha que lhe une as sobrancelhas com a navalha de dentadura do tripeiro Giuseppe Santini.

— Chá, quantas coisas pra ficar bonito!

— Ah! Bianca, eu quero dizer uma coisa pra você.

— Que é?

— Você hoje não vai com o pente no automóvel. Foi ele que disse.

— Pirata!

— Pirata por que? Você está ficando boba, Bianca.

— É. Eu sei porque. Pirata! É você, Carmela, sim, senhora! Por isso é que o Anjo me disse que você está ficando boba.

— Ele disse assim? En que hora a cara dele, hein? Não me conhece.

— Pode ser, não é? Mas na memória de máquina não dá certo mesmo.

— Saem à rua rua de negras e cascas de amendoim. No degrau de cimento no lado da mulher Giuseppe Santini torcendo a beirada do cabelo e coque.

— Vamos dar uma volta até a rua dos Funchais. Bianca?

— Andarinho.

— Depois que os seus olhos cheios de estralado e despeto veem a lanteirinha lúbrica do Buick descer a rua Bianca resolve dar um giro pelo bairro. Imprimindo coisas. Rodeando as unhas. Nervosetina.

Logo encontra a Ernestina. Cesta toda a Ernestina.

MACHADO — MUCIO LEÃO

então, estava todo bonito, com a roupinha marinho e um gorro onde se lia — "Encouraçado São Paulo"; por fim, ele entrou num cortejo que ia mesmo para o cemitério... Mas não viajou na boiada, ficou lá dentro, depois de ter sido apunhado por um bonde... — Carmela gosta de divertir-se, passando de automóvel com os rapazes, e isso leva o pai a chorar a concluir que ela "está ficando mesmo uma vaca!"... — O Conselheiro José Bonifácio Marques e Arruda tem um grande ciúme de suas tradições de sangue azul, e, entretanto, consente no casamento de sua filha com o filho de um emigrante italiano de infima classe, porque isso lhe trará algumas vantagens pecuniárias...

O mesmo sentido de caricatura, o mesmo pendor a tocar as coisas insignificantes, achamos em "Laranja da China". Este livro é diferente do primeiro. Não encontramos nele narrativas, são retratos: o retrato de um "patriota", o de uma "apalcoada", o de um "marlbr", o de um "ingênuo"... Devo confessar que não posso dessa preocupação sistemática de caricatura, que Antonio tem. Para sentir essa sua preocupação havia ver os títulos dos trabalhos que se encontram coligidos em "Laranja da China": o resultado Robespierre, o marlbr Jesus, o filósofo Piatão etc. Essa ideia de tirar um indivíduo da turba e lhe dar o nome e o sentimento simbólico de um determinado varão da história, é um processo demasiado banal. Deixa muito transparente o intuito de ironia e da sátira. E eu não compreendo como um reparo tão fácil de fazer escapou à inteligência aguçada e ao tato sensível de Antonio de Alcântara Machado.

Os "retratos" de "Laranja da China" são como as narrativas de "Braz Beziga e Barra Funda": tudo simples e vulgar, é fácil — é, para aplaudirmos o termo de Antonio de Alcântara Machado, "cotidiano". Creio que poderá servir para caracterizar essas páginas a história do "aventureiro Ulisses". Lá, também, tão simples, e, no íntimo, tão melancólico. E, sobretudo, pode servir como síntese dessas pinturas de alma a história do "lúcido José". Pobre diabo sem vontade sem energia, seu reação contra a vida, ele perde os bonde perde a mulher que lhe sorri na rua... Pressa na sua timidez vê tudo fugir das suas mãos, enquanto os outros vão colhendo os frutos que ele não sabe aproveitar...

Quanto símbolos nestas poucas páginas!... "Pathe-Baby, Braz Beziga e Barra Funda, Laranja da China", completam a obra de ficção publicada por Antonio de Alcântara Machado. Sabemos, porém, que ele tem vários livros inéditos, entre os quais se anuncia um romance — "O Capitão Bermudez", uma coleção de artigos — "Estilúgus", um livro de "bolos" e uma coletânea de "modinhas paulistas". Esses livros irão aparecendo, em espera, para que possamos julgar com maior exatidão do talento do seu autor.

V

Chegamos a um dos aspectos mais curiosos do temperamento literário de Antonio de Alcântara Machado: a sua tendência para a erudição e a história. Essa tendência é sempre absorvente. É provável que o escritor acabasse por se entregar totalmente aos trabalhos dessa natureza, abandonando o terreno da imaginação e da criação.

Como historiador, ele se entregou todo a São Paulo — ou, melhor, ainda, ao Padre Anchieta. O sr. Afrânio Peixoto definiu-o como um "Anchieta do século XX". E com efeito, na sua família o culto de Anchieta é tradição que se prolonga desde mais de um século. J. J. Machado de Oliveira, seu irmão; Brasilio Machado, seu avô; Alcântara Machado, seu pai: são todos devotos do apóstolo brasileiro.

Quanto a Antonio, o seu primeiro trabalho de erudição foi uma memória dedicada a uma fase da vida do Padre José, e teve como título — "Anchieta da capitania de São Vicente". A Sociedade Capitu-

trano de Abreu consagrou esse trabalho, dando-lhe um prêmio.

Foi a publicação dessa memória que motivou o convite, feito ao jovem erudito pelo sr. Afrânio Peixoto, para que redigisse as notas que haviam de acompanhar as "Cartas de Anchieta". Já lá as cartas apareceram em volume, constituindo uma dasas bememeritas publicações com que a Academia Brasileira tem enriquecido as letras nacionais. Convidado, Antonio aceitou a incumbência honrosa. E que trabalho imenso e concienzoso foi o seu! Primeiramente, ele nos deu um resumo da vida do Padre José de Anchieta, que é dos melhores que temos. Com a sua pena limpa, o seu senso de crítica, ele recolheu, na biografia do grande varão, o que havia de mais belo e característico. E tratou de evitar os enganos e os erros, de que a passagem do tempo e o amor dos brasileiros tem criado aquela vida prodigiosa e apostólica. Depois, ele traduziu e traduziu várias dessas cartas. E por fim, as enriqueceu com mais de setecentas notas.

E que notas, algumas delas! Antonio era discípulo de Capistrano de Abreu. Pertencia a esse escol de austeros eruditos, prostrados do senso da crítica e do senso da pesquisa, que se não contentam facilmente com as coisas. Para cita — chamam-se Rodolfo Garcia, Paulo Prado, Eugênio de Castro ou Afonso Taunay — a verdade, na história, é coisa rara, caprichosa difícil de se revelar. Por isso é necessário procurá-la sempre num afã que não cansa e que não cessa.

Essa é o espírito que achamos nos comentários de Antonio de Alcântara Machado as cartas de Anchieta. Bibliotecas, museus, laboratórios, institutos de ciência — o que não visitou ele, para redigir as suas notas agudas e informadíssimas! Só a fauna tropical deu-lhe um trabalho incrível. Em uma de suas cartas faz Anchieta a descrição dos bichos brasileiros. Entre esses estão as cobras. Antonio passou dias, semanas, talvez meses, estudando o assunto, nos livros e nos bichos. Não confiando em sua própria erudição, dirigiu-se às mais altas e sábias autoridades do assunto, que encontrou em S. Paulo: o doutor Afrânio do Amaral, diretor do Instituto Butantan, o dr. Oliverio Mario, assistente do Museu Paulista, o dr. Pio Lourenço Correia. E foi com as notas redigidas por estas autoridades da ciência brasileira, que ele enriqueceu os seus comentários anchietaes.

Essa livre já está incorporada à nossa melhor e mais sólida tradição de cultura. E em todos os tempos nenhum estudioso do Brasil, nenhum curioso de nossas origens ou de nossa vida, terá o direito de ignorá-lo.

VI

Narrador de viagens, autor de contos, escritor de erudição, Antonio de Alcântara Machado levava nel pouco dessas várias tendências do seu espírito para a sua atividade de imprensa. Jornalista, desde os tempos da Academia, ele exerceu, na profissão, várias atividades: foi crítico teatral, crítico literário e articulista político. E nessas várias atividades esteve sempre com a sua inquietação, a sua curiosidade, a sua insatisfação das coisas. Seu trabalho de imprensa prolonga-se de o "Jornal do Comércio", de S. Paulo, até o "Diário da Noite", do Rio, folha de que ele era diretor.

Eu creio, entretanto, que o momento mais interessante da carreira jornalística de Antonio foi a fase da renovação literária de S. Paulo, na "Revista de Nova" e na "Revista de Antropologia". Em ambas essas publicações, ele teve um campo largo para a sua faculdade de destruição e crítica. E alguns dos melhores estudos daquela fase de mudança, que se congregava na "Revista de Antropologia", foi ele quem organizou.

VII

E tudo o que ele escreveu é escrito num estilo tão pessoal, tão próprio, tão Antonio de Alcântara Machado... Sim, a verdade é que esse escritor converteu toda a tradicional arte de escrever. Tudo o

que vemoa acompanhado como sendo os preceitos do gosto e da estética prios velhos desueta da matéria, ele limbrou em desreparar. Sua forma literária e um tecido de elipses de zúmgas, de alieps. Todas as figuras da gramática, de nomenclatura e complicados aspectos, aqui apareceram como numi conlito. As concordâncias são, muitas vezes, erradas. A sintaxe é uma hipótese. A própria pontuação recebe, não raro, os seus pilares no patife...

Essas construções irreverentes, essas concordâncias claudicantes, essas audácias quase cômicas de estilo, acabam por produzir uma impressão de realidade e de vida. E, tanto quanto esses elementos, há um outro característico da prosa de Antonio de Alcântara Machado que contribui para torná-la real e viva, oferecendo-nos a impressão exata de um flagrante de todas as coisas: é a rapidez dos seus períodos. Em seus trabalhos, dificilmente acharemos um período de duas ou três linhas. Ele tem a preocupação de encerrar cada uma de suas sentenças em um período. As vezes, nem precisa uma sentença basta-lhe uma palavra... Sua prosa torna-se, assim, vivamente pictorial. Eis uma de suas páginas sobre uma cidade da Espanha (Pathe-Baby): "Ruas de emboscada. Becos de conspiração. Ladeiras de negromância. Balco de muitos séculos. Gente de preto. So de preto. Janelas gradeadas. Portas de castelo... — "Buenos dias, senhor Marques". — Ai esta Toledo, com a sua velhice, o seu ar conventual, a sua doçura morna e melancólica. Eis, agora, um pequeno trecho caricatural de "Braz Beziga e Barra Funda": "Atendemo só de ouvi-lo ficou brasileiro Jacobino. Artoteles escolheu-o para seu ajudante de ordem. Uma espécie de...". Não achamos, nesta frase, uma pitoresca familiaridade com os vocabulários? Onde, porém, o estilo de Antonio parece ter-se tornado mais pessoal é na "Laranja da China". Tudo aqui é irreverência sistemática diante dos modelos consagrados. Leia-se, por exemplo, este pequeno trecho e poder-se-á sentir o instinto das expressões domésticas e populares que havia no escritor: "As sete horas da manhã. Cierro sem sair da cama encomprou o péssimo para examinar um automóvel deste tamanho parado no meio do quarteiro. Meio toito ainda deu um pulo e foi ver o negocio de perto. Em cima do volante tinha um bilhete escrito a máquina..."

A esse estilo coisa alguma repugna — nem as irreverências, nem os erros. O escritor não toma conhecimento das assonâncias, das onomatopéias, de nenhum desses misteriosos e perigosos labirintos, que nos torturam, a nos outros, quando escrevemos. Mesmo quando sai do terreno da sua literatura de ficção ele conserva o mesmo espírito de irreverência para com as palavras, a gramática, as frases. É bastante ver, por exemplo, o livro das "Cartas de Anchieta". Ali, o estilo de Antonio de Alcântara Machado torna-se mais corrente, menos pessoal, mais semelhante ao estilo de toda a gente. E, entretanto, ele continua a dar papinhos na sintaxe e a acolher efusivamente os cacofonias... (Ver a nota 346 daquele livro).

VIII

Depois de ter estudado essas várias atividades do espírito de Antonio de Alcântara Machado, eu poderia fixar outras tendências do seu talento e outras feições de sua obra. Poderia estudar, por exemplo, as suas doutrinas de sociólogo, a sua organização de político, o senso da pragmática realidade com que ele amou S. Paulo, a ponto de se entregar de corpo e alma, à campanha constituinte de 1932. Não o farei, por duas razões: a primeira é que este artigo já vai longo demais; e a segunda é que esta coluna é uma coluna de registro das coisas literárias, e não das coisas políticas.

Creio, porém, que o que já disse acerca do meu malgrado amigo e companheiro de geração, foi o suficiente para dar dele uma impressão completa. Pelo menos é assim que a sua imagem se reflete em meu espírito, através do conhecimento que eu tenho de sua vida e de sua obra.

O túmulo na neblina -- (Trecho de estudo) -- Mario de Andrade

Antonio de Alcântara Machado foi um dos homens com quem privei de maior intimidade. Talvez por isso eu me sinto agora indelicado ao escrever sobre ele. O conheci de mais, e o excesso de conhecimento me deixa, ao menos por agora, incapaz de captar o mistério numa síntese acertada, antes ele me aparece numa violenta nebulosa de contradições e a cada traço dele que se define em mim logo outro se junta que em vez de acrescentar o primeiro, o fragiliza.

No entanto eu sinto que para muitos outros que o viram em que o viveram menos profundamente, Antonio de Alcântara Machado foi um dos seres mais fáceis de definir e compreender. Para os outros ele surgiu bem como indivíduo, e não como verdade. Para mim ele — sempre mesmo humano. Essa confusão desorientadora-

mente nítida. E esta minha incapacidade me entristece.

Está claro: nós todos somos assim esse confusismo constante, essas contradições absurdas, esse dilúvio de tendências mal esboçadas, ou derivadas no fimar pra não sei que difarres... Mas se pela grande maioria essa contradição de seguir é percebida, outro enorme contingente humano passa a vida a se perdoar suas próprias incompetências e a condescender com elas. O Antonio... Eu me esforço, num mundo de benquerer, por vê-lo feliz na aparente vida feliz que exerceu. Se as facilidades do mundo o cercaram por vício ludo, se o primeiro livro de quem ora essencialmente em escritor lhe deu des- de logo uma vitória fácil e o reconhecimento pra de um grande talento novo, se do momento em que nos deba- Usamos então, ele foi certamen-

te o primeiro artista, mais criterioso no apertar o bom do ruim, e ao apertar o trigo, Antonio de Alcântara Machado não estava tranquilo consigo, não se agradava de sua convulsiva humanidade, cheia de contradições, inconseqüências, e malícias. O seu descontentamento não lhe vinha do mundo exterior, lhe vinha dele próprio.

É um engano dizer que ninguém está contente de si. Pelo contrário, a infelicidade, se não temos a petulância desatada de nos afirmarmos úteis, sempre e certo que no recesso de nós mesmos nos julgamos excentos e completos. O próprio confusismo não corrigia nada esta incerta- ravel estupidez humana. E por nós julgarmos excelentes é que somos obrigados a botar a culpa de tudo nos outros e na vida exterior. Dos erros da sociedade e dos outros indivíduos,

deriva a nossa desgraça pessoal...

Nem de longe estas minhas verificações cheiram a conformismo. Estou tratando da felicidade que é uma conquista individual e se decide exclusivamente da concordância do ser consigo mesmo. Em geral nós não acertamos passo conosco, e de mil divinos, todos menos um são destinos errados. E por isso e que somos barulhentosamente descontentes. Mas quisémos que infelizes, ahias.

O descontentamento de Antonio de Alcântara Machado derivava dum grande mal ativa e morto numa inteligência. Alma excepcionalmente dedicada verdadeira gaze lenha- ma, do orosamente sensível a qualquer contato, ele não se conformou jamais com isso. Qualquer brisa o movia, e o Antonio se descompunha depois,

das formas em que a brisa o forçava a se mover.

Construir por isso uma espécie de sósia em que se instalara para exercer a vida. Um sósia ostensivamente forte, um ser gozoso e gozador. Inabilmemente distribuidor de simpatias e antipatias decisivas, que o aproximavam dos em cujo convívio ele se valorizava, e afastavam dele os que lhe eram íntimos. Ele mesmo tirava certa validade desse manequim admirável em que vivia de alívio. Quando quisesse de nos com- mentava o poder de se tornar momentaneamente antipático que ele tinha, o Antonio recebia um prêmio, satisfeito que nem criança.

Mas este sósia em que Antonio de Alcântara Machado viveu com frequência não era absolutamente usado por ele, nem mesmo por defe- sa. Não era hipócrita. Era, (continua na pag 333)

Seis inocentes anedotas sobre o fascismo -- Antonio de Alcantara Machado

1.º CONCEITO

Começo por um conceito em grata homenagem à sabedoria popular: o pior inimigo é o amigo íntimo. Porque serve bem para epigrafe de um estudo ou o que seja sobre a vida íntima da Itália fascista. O maior esforço dos adversários exilados de Mussolini tem sido combater a ideia de que Itália e fascismo são uma coisa só. Pois de outro lado acho que para os admiradores do Duce é impraticável e urgente destruir a convicção geral e natural de que Mussolini e fascismo são uma coisa só. Porque na Itália está agora se repetindo a história de sempre: os subordinados comprometem o chefe. De modo tão desastrado e imbecil que um dos trabalhos mais penosos de Mussolini é com certeza corrigir as besteiras do partidário exaltado em que se apoia. Se o chefe pensa um, os fanáticos fazem logo três catraçando tudo. São recentíssimas as manifestações de ódio à França em Florença e Milão. O Duce falou em carabinieri, canhões e tal com a truculência costumeira. Logo a assistência berrou: Morra a França. Não quero dizer que na linguagem do Duce as carabinieri, os canhões e tal já não existissem matando franceses. Mas é inequívoco que sem a gítiloria dos patriotas a coisa não teria maior gravidade. Em suma: aquilo que Mussolini projeta na sombra o fascismo revela e escandaliza. O que se deve nesse caso é menos ao temperamento zolmba da raça que à ansia nem sempre feita de se valorizar perante quem munda e não pode.

Porque fascistas de verdade, fascistas que tomham de fato a chamada fé fascista, se contam nos dedos. O próprio Mussolini já disse que legítimos fascistas só surgirão mais tarde, estão sendo criados agora, serão quando adultos os meninos e meninas hoje educados fascitamente, amamentados com leite fascista, educados na escola fascista, crescidos nas cerimônias fascistas. Por enquanto é corrente na Itália só há dois sinceros: o chefe Mussolini e o secretário geral Turati. São os únicos que o medo ou o interesse, ou o medo e depois o interesse, não obrigaram a meter a camisa preta. O resto é uma máquina muito bem montada para explorar a atual situação italiana. O fascismo passa bem para ser servido cegamente. Não há personalidade política, social, econômica, intelectual fora dele. Nem sossego. Tornar a vida difícil aos adversários foi sempre palavra de ordem de Mussolini. A própria indiferença não é tolerada. Cidadão tem que ser sinônimo de fascista.

A energia incrível do chefe se ergue mais em relação à sanha aproveitadora dos despojos do que à hostilidade dos de fora. Senhores da vida pública e privada, ordenando assaltos, decretando surras e mortes, fazendo e desfazendo impunemente o que bem entenderem, vários tiranotes locais se aproveitam da situação para encher o bolso. E aí é que o trabalho do Duce vira tremendo e delicado. Porque é preciso evitar antes de mais nada a repercussão do escândalo, tudo desmoralizar o fascismo no estrangeiro. Mussolini em tais casos age de modo sumário e catupendo. O que ele fez com certo prefeito de Milão, não há muito tempo, por exemplo. O tal, sob pretexto de reforçar e iluminar a praça de Duomo, cavou em poucos meses uma fortuna. Que é que fez o Duce? Escreveu para o patife: Acabo a sua demissão de prefeito de Milão bem como a concessão às obras de beneficência do fascismo na impor-

tância de tanto. Tanto: o produto da roubalheira sem prado de um centésimo. Outros malandros leem recebido bilhetes no mesmo estilo. Sem soltar um pio naturalmente.

Porem tudo isso pouco interessa o estrangeiro. Lavagem doméstica de roupa suja que é bom respeitar. O que não pode deixar de interessar e divertir o turista hoje em dia na Itália por mais discreto que ele seja é o modo por que o povo se vinga do regime penitenciário a que está sujeito: comentando com inenunciado espírito os podres inevitáveis do fascismo. Sobre tudo no que se refere ao escabroso capítulo da probidade administrativa. A passividade do rei e a mania auto-propagandista do Duce. Em outubro do ano passado no Biffi, o famoso restaurante da Galeria de Milão, um maestro-substituto do Scala, um advogado da Casa di Risparmio, um redator do Corriere della Sera e o secretário de um fascista da Lombardia me contaram tem voz baixa, em voz baixíssima: algumas anedotas bem engraçadas a respeito dos homens e da vida do P. N. F. A Itália inteira conhece, repete e goza. A Itália inteira, inclusive o dono dela Mussolini que (disseram) acha muito espírito nas piadas que lhe conta o inventor de quase todas, figura importante da imprensa fascista. Acha muito espírito mas proíbe a imprensa tipográfica. Evidente.

A proibição não me alcança. Eu vou contar.

2.º — QUELLO

O veneziano conde Volpi, um dos ministros que as farras fascistas já tem tido e enfiado e que se famigerou com descabeladas negociações, estava em um restaurante quando alguém que não o conhecia mas sabia da presença dele perguntou para o garçon:

- Dove? S. E. il conte Volpi?
- E o garçon amavel:
- Li, nel fondo, che mangia il Bel Paese...

3.º — IDENTIDADE

O mesmo Volpi quis certa vez receber um cheque nominal num banco qualquer de Roma. Porem não tinha documento nenhum provando sua identidade nem era conhecido do caixa. Discutiram, etc. até que o conde disse:

— Il suo portafoglio, per piacere?

O caixa ficou esbarrado com o pedido, se correu logo procurando a carteira, não achou, e afinal compungido, recolhendo-a das mãos de Volpi sorridente. E pagou o cheque diante de tamanha prova de identidade.

4.º — TAL PAI TAL FILHO

Trenti visitava uma escola primária perto de Florença. Recebido com vras, fez um discurso sobre as maravilhas da nova Itália. Em seguida deu de interpretar a meninada:

- Tu, che cosa sei?
- O pequeno saudou à romana:
- Fascista!
- Bravo! E tu?
- Fascista!
- Bravo, bravo! E tu?
- O lourinho de cabelo em pé disse com força:
- Socialista!
- Eh? Che cosa dice? Socialista? E perché?
- Perché mio padre è socialista.
- Turati subiu a terra:
- Ma questa è una stupidagine! Allora, se tuo

padre fosse un ladro, che cosa saresti tu?

O lourinho com mais força ainda:

— Fascista!

5.º — MIOLO MOLE

Na via XX Settembre um sujeito conversava com outro e indignado soltou:

— Il Re è un rammollito!

Disse isso e sentiu no ombro a destra de um carabinieri:

- Siete in arresto!
- Io, in arresto? Perché?
- Perché avete detto: il Re è un rammollito!
- O sujeito tratou de tirar o corpo:
- Ma io parlavo del Re della Bulgaria!
- O carabinieri foi duro:
- No! Voi avete detto: il Re è un rammollito.

L'unico re rammollito del mondo è il nostro. Siete in arresto!

6.º — NO CEU

Mussolini bateu na porta do céu. S. Pedro veio, perguntou quem era.

— BENITO MUSSOLINI!

São Pedro saudou de braço erguido, se curvou até o chão. Mussolini foi entrando. Para causar um bruto sucesso. Padre Eterno, santos, santas, apóstolos, mártires, anjinhos, Onze Mil Virgens, todos cercaram o Duce. Mussolini andava de um lado para outro com aquele ar de quem passa tropas em revista. Por fim deram uma poltrona para ele. Sentou-se. Tenho a direita o Padre Eterno e à esquerda São Pedro já de camisa preta. Em torno a corte celestial em peso. Porem Mussolini dava mostras de impaciência. Parecia que faltava alguma coisa. São Pedro muito bajulador já estava incomodado. Aze que o Duce não se conteve:

— Il fotografo? Dove è il fotografo?

7.º — CASO NIPONICO

O japonês estava vendendo joias de fantasia numa praça de Génova. O italiano chegou e perguntou o preço de um colar.

— Duecento lire.

Era um roubo. O italiano protestou, pechinchou. O japonês deixou por cent. Discutiram mais um pouco: o japonês deixou por cinquenta. O italiano protestando. Afinal ficou com o colar por cinco liras. Guardou, pagou, comecou:

— Sa que chosa sei? Un ladro! Come si dice ladro nel Giappone?

- Tara.
- E due ladri?
- Taratara.
- E tre ladri?
- Taratara.
- E una quantità di ladri?

Ai o japonês comecou a contar com a mão do hino fascista:

— Taratara! Taratara! Taratara, taratara, taratara!...

8.º — CONCLUSÃO

Não resta dúvida que as descomposturas e as revelações dos Nitti, Ilo e sobrinho, dos Salvemini e outros nada valem diante de piadas como estas. São boas e não ofendem. De fato não podem ofender os italianofílos (e os decididos) porque provam que apesar das pesares, dos purgantes, das pauladas, aquele povo ótimo continua sendo o mais inteligentemente engraçado deste mundo sabulunar.

(Cavaquinho e Sabonete)

MANA MARIA

Tosso da Silveira

Grande pena, em verdade, que a morte prematura tenha cortado a carreira literária de Antonio de Alcantara Machado.

Mana Maria, o romance que, infelizmente, deixou inacabado, é um testemunho de inteligência criadora mais significativa do que deixavam prever os seus livros anteriores: *Pathé Baby*, *Bras, Mexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*.

O que se nos apresenta agora em Mana Maria, é um escritor de sereno e lúcido equilíbrio, penetrando do sentimento da gravidade da vida, cheio de inesperada experiência dos destinos dolorosos, e, sobretudo, com um poder de penetração psicológica notável. Tudo isso é para mim surpreendente, visto que Antonio de Alcantara Machado foi dos que mais timbraram, no chamado movimento modernista, em acenar a visão clownesca, irônica e cética da vida, — o que importava, ao que parecia, em carência de profundo simpatia humana em seu espírito — em carência dessa profunda compreensão de toda conhecida e alecta que é a fonte mesma da arte eterna.

Mana Maria ficará como um dos poucos "tipos" realizados do romance patético, no mesmo título que a "Capitão", e outros de Machado de Assis, ou o "Gonzaga de São", de Lima Barreto.

(A Nação, 20-7-1936.)



Fotografia feita em 1931, no Lido, por ocasião de um jantar que vários amigos de Portinari promoveram em homenagem a esse artista. Entre outros, estavam: Alcantara Machado, o escritor Carlos Antonio, o maior Hugo Adam, um amigo antigo, de cu, o nome é Alberto Giuseppe, Lili, o famoso, Antonio Costa, Maria M. de, Mary, Bandeira, Helena, Graça, e a neta, Dante Milano, Alvaro Ribeiro da Costa, José João, Maria Lúcia, Antonio de Alcantara Machado e Raimundo de Magalhães Junior.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA -- 2.^a Série - Antologia da Prosa - VII -

Alonso Arinos de
Melo Franco



AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

Nasceu Afonso Arinos de Melo Franco em Minas Gerais, em 27 de novembro de 1906.

É filho do eminente e saudoso jurista Afonso de Melo Franco, e sobrinho de Afonso Arinos, o criador de "Pedro Buarque", e de "Jacquim Miranda".

Desde a infância, a adolescência e a primeira mocidade, viveu repetidas vezes pela Europa, tendo, por alguns anos, sua residência na Suíça.

Atualmente em Direito, redigiu a tese "Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas"

(1938). Apaixonado da sociologia brasileira, tem-se dedicado à meditação de assuntos de real transcendência nesse terreno.

Afonso Arinos deu cursos em 1938, na Universidade do Uruguai e em 1939, na Sorbonne. Foi na Universidade do Distrito Federal professor de História. Como jornalista, foi diretor do "Estado de Minas" e da "Folha de Minas" e é hoje colaborador de A MANHÃ.

Exerce o cargo de advogado do Banco do Brasil.

Algumas fontes sobre Afonso Arinos de Melo Franco

Alvaro Lins — Um conceito de Civilização Brasileira — *Diário da Tarde* (Recife) — 5-12-1939.

Antonio de Azeiteiro Machado — Reportagem Literária — *Diário de São Paulo* — 14-VII-1937.

Eduardo Frieiro — O Indio Brasileiro e a Revolução Francesa — *Folha de Minas* — 30-1-1933.

Elói Pontes — *Maria e o Mundo* — O Globo.

Ennio Moura — Introdução à Realidade Brasileira — *Minas Gerais* — 14-5-1933.

José Geraldo Vieira — Introdução à Realidade Brasileira — *A Nação* — 4-6-1933.

João de Barros — Espelho de Três Faces — *Diário da Noite* — 23-11-1937.

Luiz Camilo de Oliveira Neto — *Terra do Brasil* — O Jornal — 21-12-1939.

Um confronto de textos — O Jornal — 31-12-1938.

Max Fleissner — Realidade Brasileira — *Jornal do Comércio* — 19-11-1933.

Nacionalismo — *Estado de Minas* — 30-3-1934.

Otávio Targuinio de Souza — Conceito da Civilização Brasileira — O Jornal — 17-1-1937.

Oscar Mendes — Realidade Brasileira — *Estado de Minas* — 28-5-1937.

Tristão de Alade — *Sanguem* — O Jornal — 1940.

Alem de numerosos estudos assinados por: Virgílio Santa Rosa, Pinto de Aguiar, José de Mesquita, Miran M. de Barros Latif, Luiz Moreno, Julio Vieira de Sá, J. Stein, Osório Lopes, V. de Miranda Reis, Heilo Vianna, Conrado Canabarro, Mario Lins, Luiz Pandolfi, Nelson Werneck Sodré, Plínio Barreto, Monteiro Lobato, Ribeiro Couto e outros.

Algumas fontes estrangeiras: "Handbook of Latin American Studies".

"Who's who? in Latin America".

"Huit Mois au Brésil", de Henri Franchon.

Manuel Gahelo, artigo no "Mercure de France".

João de Barros, artigo no "Diário de Lisboa".

Lingua nacional e lingua regional

Muito se tem discutido sobre lingua nacional. O mais recente debate, que foi também dos mais vivos e interessantes, feriu-se entre o meu amigo Cassiano Ricardo e o escritor português Ribeiro Coraço. Muitas idéias, muitos subsídios, de uma parte e de outra, merecem ser considerados e aproveitados.

Não sendo técnico em filologia, não procuraria nunca intervir no debate linguístico. Entretanto, não me furtarei a anotar algumas reflexões que antes se situam no terreno da história e da sociologia, campos em que, embora também não me considere técnico, tenho mais familiaridade. A primeira coisa importante a meu ver, para os nacionalistas da linguagem, é atentar na diferença fundamental que deve existir entre lingua nacional e lingua regional. A História do Brasil nos ensina que o esforço inicial dos jesuítas, ao tomarem contacto com os bárbaros da costa, foi no sentido de conjugar e fundir a lingua que eles falavam, atenuando as diferenças e procurando dar-lhe uma estrutura de conjunto. Não se pode dizer até onde a unidade linguística ajudou o trabalho de pacificação dos índios, mas é fora de dúvida que

a pacificação dos índios foi elemento preponderante na unidade política do nosso território. Penso que a literatura brasileira deve exercer o seu papel de instrumento de orientação no desenvolvimento da lingua nacional, sem se deixar influir muito pelos regionalismos de linguagem. Aliás, a literatura, à medida em que se compara com o pitoresco do estilo regional, deixa de ser brasileira, para ser local. Os temas melhores das nossas letras são sempre os regionais, não há dúvida. Mas a lingua em que devem ser tratados precisa ter uma amplitude brasileira. O essencial valor regional do estilo desconacionaliza a literatura, como acontece, por exemplo, com a obra de Simões Lopes Neto. O admirável sentimento poético desse escritor gaúcho é muitas vezes de difícil apreensão para mim, homem do centro. E, insisto ainda, não é o assunto que eu estranho, como não estranho, os assuntos gólgos amazoneiros, parabaianos. O que se dá é que, ao escrever, esse escritor recorre à dificuldade, precisando recorrer ao vocabulário do velho Coruja, o qual, aliás, nem sempre satisfaz.

(Resíduo do Tempo — *Antofes e Livros* — V. 1.^o — pag. 428).

UM RIBOMBO DE EPOPEIA

Hoje assisti a uma cerimônia que me tocou profundamente, na sua simplicidade. Foi a missa rezada na Candelária, a linda igreja é a Candelária, por alma de alguns humildes transeiros mortos pela gripe espanhola. No local onde estava havia poucos brasileiros, que todos eram transeiros, e eu pude ter um momento a sós com quem me encontrara numa missa de São Paulo, Fátima ou no mestre de cerimônias, e o lado de ensaizador, um transeiro. Mulheres do povo, pobres, humildes de mãos trêmulas e capote descepo em geral, o fundo de chuva com o florido e a voz modestamente um transeiro. Uma, porém, solene de religiosidade, num trágico de exposto. Imaginei logo mais um esposo de algum fustado e logo me lembrando um sábio entendimento de gratidão, que espantou o tédio habitual desses cerimônias e não se abateu, não mais até o fim. Aquela panto de esperança, de luz, de mim, foi-se misturando com a música sacra que desde a abóbada sobre todos nós, gozamos serem cantadas no tribulhão dos dias de hoje, uma e a mesma emocional em que me encontrava foi-me fazendo ver outras cenas, ouvir outros ritmos, que aos poucos entraram a nave e me dominaram completamente. Via, na porta luz do templo, uma currucho de sombras em galopada sobre nós. Sombras que emergiam do fundo do passado de França, para atravessarem como um rio de luz sobre as nossas cabeças, naquela hora de apreensão e desengano. Sem a presença de massas de soldados, que corriam em turbilhão vindo de horizontes dos séculos. E talvez bandeiras, as das lis e as tricolors, arrastadas numa fúria, pelotando acrobacias nos silvos das balas, ou talvez ventos das planícies empoeiradas de sangue. E ouvi, em vez da música triste e do choro humilde, um rumor distante, um ribombo rouco de explosão em que se misturavam a luz, prantos e gemidos, troar de canhões e gritos de vitória. Sim, de vitória.

(Resíduo do tempo).

Bibliografia de Afonso Arinos de Melo Franco

Responsabilidade Criminal das Pessoas Jurídicas (Tese de concurso à docência de Direito Penal na Faculdade Nacional de Direito) — Gráfica Ilpiranga — Rio — 1930 — 186 páginas.

Introdução à Realidade Brasileira — Schmidt Editor — Rio — 1933 — 239 páginas.

Preparação ao Nacionalismo — Civilização Brasileira — Rio — 1934 — 267 páginas.

Conceito de Civilização Brasileira — Cia. Editora Nacional, série "Brasiliana" — São Paulo — 1936 — 238 páginas.

Relatório Lirico de Ouro Preto — Edição da Sociedade Felipe d'Oliveira — Rio — 1937 — 37 páginas. Três ilustrações de Pedro Nave.

O Espelho de Três Faces — Edições Brasil — São Paulo — 1937 — 235 páginas.

O Indio Brasileiro e a Revolução Francesa — José Olimpio editor — Série "Documentos Brasileiros" — Rio — 1937 — 331 páginas e 16 ilustrações. Deste livro foram tirados vinte exemplares para o comércio. O autor, enviado pela Universidade do Brasil, deu na Sorbonne um curso sobre o assunto do livro durante o ano de 1939. O curso se acha contido em três conferências intituladas "L'indien brésilien dans la littérature française du XVIIIe au XIXe siècle". Estas conferências foram parcialmente publicadas em Paris.

Idéia e Tempo — Cultura Moderna — São Paulo — 1938 — 171 páginas.

Síntese da História Econômica do Brasil (Curso de Férias em Montevideo) — Edição do Ministério da Educação — Rio — 1938 — 93 páginas. Este trabalho, que consta de três conferências e um discurso, foi também publicado no "Jornal do Comércio", no "Anuário do

mesmo, no "Boletim" do Ministério do Trabalho e inserido no número 10 abaixo referido.

Terra de Brasil — Cia. Editora Nacional — São Paulo — 1939 — 240 páginas. O primeiro trabalho deste volume, intitulado "As idéias da Inconfidência", é uma tese oficial do Terceiro Congresso de História Nacional, e está publicada no 7.^o volume dos respectivos "Anais" (1932).

Introdução e notas às "Cartas Chilenas" de Tomas Antonio Gonzaga — Edição do Ministério da Educação — Rio — 1940. Este trabalho recebeu o prêmio de erudição da Academia Brasileira.

A Maioridade, ou a Aurora do Segundo Reinado — Edição do Centro Acadêmico XI de Agosto — São Paulo — 1940 — 89 páginas.

Folheta Cultural Pan-Americana — Edição da Casa do Estudante do Brasil — Rio — 1941 — 57 páginas. Esta conferência está sendo editada na Argentina, em tradução espanhola.

Um Soldado do Reino e do Império — Edição da Biblioteca Militar — Rio — 1942 — 148 páginas, com 11 ilustrações.

Dirceu e Marília — Livraria Martins editora — São Paulo — 1942 — 106 páginas, e seis desenhos de Luiz Jardim. Esse drama foi editado em dois formatos, sendo que, do maior, se tiraram dois exemplares, fora do comércio, com as ilustrações originais.

Afonso Arinos de Melo Franco tem, neste momento, em preparo, as seguintes obras:

Homens e Tempos, a sair este ano, em edição de Zélio Valverde.

Um Ano de Crítica, idem. (É a série de críticas para o "Diário de Notícias", do Rio.)

Desenvolvimento Histórico da Civilização Material no Brasil (Curso dado aos funcionários do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O TUMULO NA NEBLINA

(Continuação da pag. 371)

antes, sinceridade por desmêl...

Em todos os homens presos a suas idéias e juízos é que se agita por eles, estranha uma aparência de sinceridade que nada mais é do que feição.

Se julgarmos sinceros apenas porque são dominá-rios.

(Em memória).

Deve sair, possivelmente este ano, em edição do S.P.H.A.N. — Um Estadista do Republicano (biografia de Afonso de Melo Franco).

História do Banco do Brasil. O primeiro volume deve sair este ano.

Tomaz Antonio Gonzaga, para a "Coleção Americana", da editora "Fundo de Cultura Económica", do México.

Numerosos trabalhos, principalmente de poesia e crítica, de Afonso Arinos de Melo Franco se encontram esparsos em jornais e revistas, do Rio e dos Estados. Alguns dos seus poemas estão inseridos em coleções e antologias, brasileiras, espanholas e francesas.

